

Seleções Cara a cara com
Hilary Swank

ela foi à luta

Menina de jeito simples, Hilary Swank continua a enfrentar os obstáculos da vida – e dar a volta por cima | **POR MEG GRANT**

QUANDO ENCONTRO Hilary Swank, ela se apresenta dizendo seu nome, como se eu não soubesse quem é. Enquanto equilibro o *notebook* e o gravador, ela se levanta rapidamente e vai buscar minha bolsa onde eu a colocara, a alguns metros dali, o que não é exatamente o tipo de atitude que se imagina de uma ganhadora de dois Oscars e uma das estrelas mais bem pagas de Hollywood. Aquilo estava mais para o que se esperaria de uma garota simples, comum – exatamente o que Swank era há não muito tempo.

A história de Swank é quase um conto de fadas. Ela cresceu em um estacionamento de *trailers* em Bellingham, Washington, filha de um vendedor e uma secretária. Seus pais se separaram quando Hilary tinha 12 anos, e ela aprendeu desde cedo a cuidar de si mesma. Artista espontânea, passou tardes solitárias sonhando se tornar atriz.

Em 1989, quando tinha 15 anos, Hilary e a mãe puseram as malas no carro e, com apenas 75 dólares, foram para Los Angeles. Moraram no automóvel até que um amigo lhes arranhou um lugar para ficarem. A mãe usava um telefone público para marcar os testes da filha. Três anos depois, Hilary ganhou seu primeiro papel no cinema, em *Buffy, a caça-vampiros*.

Trabalhos regulares se seguiram. Ela, porém, não chamou muita atenção. Isso só aconteceu em 1999, quando interpretou Brandon Teena, uma mulher assassinada depois de tentar se passar por homem, no filme *Meninos não choram*, produção independente cujo sucesso surpreendeu. Por esse papel Hilary recebeu apenas 3 mil dólares, mas seu talento passou a ser mais valorizado quando, com o filme, ela conquistou o Oscar de Melhor Atriz.

Em 2000, Swank recebeu o Oscar de Melhor Atriz por *Meninos não choram* (à direita). Ela levou para casa sua segunda estatueta em 2005, no papel da boxeadora Maggie Fitzgerald em *Menina de ouro*, filme de Clint Eastwood (página ao lado).

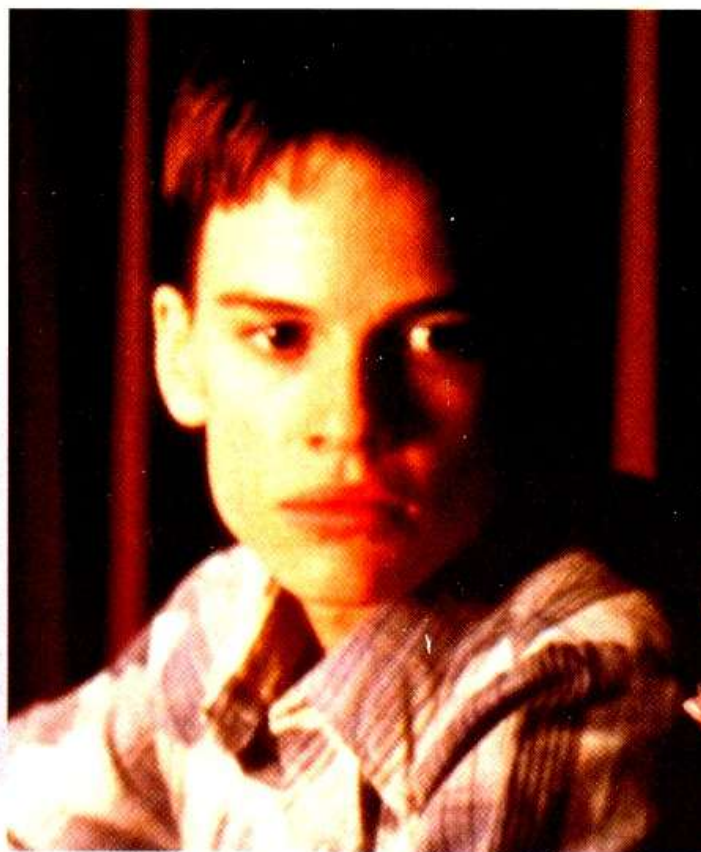
Hilary dividiu sua ascensão à fama com o ator Chad Lowe, com quem se casou em 1997. O casal se separou no ano passado. *Seleções* entrevistou a atriz na véspera do lançamento de seu novo filme, *Escritores da liberdade*. Hilary, hoje com 32 anos, nos falou sobre encontrar a felicidade, dar a volta por cima e tornar os sonhos realidade.

Seleções: Quando criança, você se dava conta da dificuldade financeira de sua família?

Hilary: Isso era algo que eu não percebia. Tinha um teto sobre minha cabeça, e comida; não sabia que um estacionamento de *trailers* era um lugar para pessoas de baixa renda.

Seleções: Você já foi tratada de modo diferente por causa do lugar onde vivia?

Hilary: As crianças não ligam muito para isso. Os pais é que não me queriam andando com seus filhos. Agora



percebo como isso pode ser prejudicial. Não consigo imaginar tratar crianças como se elas fossem diferentes por causa do lugar onde moram.

Seleções: Quando você descobriu que representar era o que queria fazer?

Hilary: Eu tinha 9 anos. Um professor nos fez escrever uma peça humorística e interpretá-la, e eu percebi que extravasar as emoções era algo que me empolgava.

Seleções: Isso ainda deixa você animada?

Hilary: Adoro o meu trabalho. Não posso sequer chamá-lo de trabalho. Todas as vezes que tenho a oportunidade de fazê-lo, pulo da cama pensando: *Puxa, como tenho sorte!*

Seleções: Em seu novo filme, *Escritores da liberdade*, você interpreta Erin Gruwell, uma professora de Los Angeles no início dos anos 1990. O que a atraiu para a personagem?

Hilary: Ela é uma heroína. Adoro o modo como nunca aceitava um não como resposta.

Seleções: Quando você e sua mãe foram para Los Angeles, você tinha idéia do que iria enfrentar? Teve medo?

Hilary: Não. Parecia uma aventura.

Seleções: O sucesso a surpreendeu?

Hilary: Depois de *Meninos não choram*, comecei a ouvir pessoas que eu admirava dizendo meu nome. E ficava pensando: *Como é que elas sabem quem eu sou?* De vez em quando, ainda me sinto como uma garotinha que veio para Hollywood com um sonho e tem tido todas essas oportunidades, mas que, a qualquer momento, alguém vai





dizer: “Ei! Espere aí! Como foi que você entrou aqui?”

Seleções: Aposto que muitas pessoas se inspiram ouvindo sua história.

Hilary: Quando as crianças me dizem “Você veio do nada e se tornou bem-sucedida. Também posso fazer isso”,

Swank interpreta uma professora em *Escritores da liberdade*. Sua mãe, Judy (à esquerda), sempre a encorajou a ir em busca dos próprios sonhos.

sinto que, se eu morresse amanhã, teria feito a minha parte.

Seleções: Você foi casada com Chad Lowe por oito anos e recentemente se divorciou. Vocês ainda são amigos?

Hilary: Hummm... Sim.

Seleções: Então, o que aconteceu?

Hilary: Todos queremos encontrar o amor, e a gente tenta da melhor forma que pode.

Seleções: Mas você disse que o rompimento foi doloroso. O que a ajudou nesse período?

Hilary: É com os amigos que a gente

pode contar quando passa por algo assim. Eles são minha família.

Seleções: E quanto a descobrir o amor novamente?

Hilary: Estou namorando uma pessoa ótima.

Seleções: Você gostaria de “sossegar” algum dia e ter filhos?

Hilary: É difícil. Adoro meu trabalho e adoro viajar, mas, sim, claro.

Seleções: Você fez uma viagem à Índia no ano passado.

Hilary: Queria realizar algum trabalho voluntário e me associei a uma organização, que me enviou a Palampur. Eles me alocaram numa escola e num orfanato. Meu trabalho era ensinar a crianças de 4 a 6 anos o alfabeto inglês.

Seleções: Você ensinou em uma escola na Índia e interpreta uma professora em *Escritores da liberdade*, embora não tenha terminado o ensino médio.

Hilary: Isso não é algo de que me orgulhe. Não sou uma pessoa que desista, de forma alguma. Não gosto de começar um projeto e não o terminar.

Seleções: Gostaria de voltar a estudar?

Hilary: Eu tenho aulas o tempo todo. Sou uma esponja. Um dos aspectos que

adoro no meu trabalho é a oportunidade de aprender coisas diferentes.

Seleções: Mais de uma vez já lhe perguntaram quando vai interpretar uma mulher bonita. Como reage a isso?

Hilary: Acho que a beleza é relativa. É subjetiva. Dizem que cabelo, maquiagem e roupas bonitas criam uma mulher bonita. Eu não vejo assim.

Seleções: Para *Meninos não choram*, você assumiu as características de um transexual. Em *Menina de ouro*, tomou alguns socos de verdade. Você iria de novo assim tão longe por um papel?

Hilary: Se eu acreditar em um papel, farei o possível para torná-lo crível.

Seleções: Mesmo pondo seu bem-estar em risco?

Hilary: Eu não comia carne enquanto filmava *Menina de ouro*, mas precisava ganhar 8,5 quilos de músculos. Então passei a comer peixe. E, para *Meninos não choram*, reduzi minha gordura corporal para 7%. Em *A dália negra*, quando minha personagem morreu, eu bati com o braço numa tábua de passar roupa antiga, e carrego a cicatriz do acidente. Mas acho ótimo tê-la. Isto é a vida: você chegar lá e jogar pra valer. As cicatrizes de batalha são um lembrete de que você está viva, é humana – e sangra.

DISTÂNCIA SEGURA

Qual é a melhor distância para uma sogra morar?

Nem tão perto que possa vir de chinelos, nem tão longe que traga uma mala.

PRISCILLA XAVIER DA ROSA, Campos dos Goytacazes (RJ)